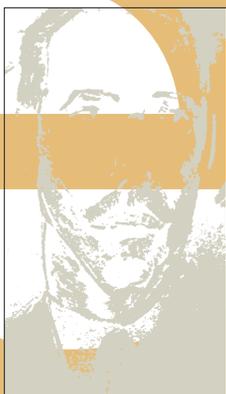


# A fortuna crítica de *Macunaíma*

JOSÉ DE PAULA RAMOS JR.

**JOSÉ DE PAULA RAMOS JR.**

é doutorando em Literatura Brasileira pela USP, onde desenvolve pesquisa sobre a fortuna crítica de *Macunaíma* sob orientação de Telê Porto Ancona Lopez.



m 1944, um artigo assinado somente com as iniciais A. F. afirmou que *Macunaíma*, cuja terceira edição acabara de sair do prelo, havia sido recebido com indiferença: “O silêncio. E o silêncio, Mário de Andrade bem o sabe, sempre foi um indício de morte” (1). Por um tempo, o prognóstico talvez pudesse parecer correto, mas A. F. foi mau profeta.

O “herói de nossa gente” ressurgiu da Ursa Maior, em 1969, na versão cinematográfica de Joaquim Pedro de Andrade, com grande repercussão; em 1975, a alegoria carnavalesca da escola de samba Portela, dedicada às estrepolias de Macunaíma, foi ovacionada pela multidão; a partir de 1978, nos palcos de São Paulo e, por vários anos, nos teatros de outras cidades do Brasil e do exterior, a

<sup>1</sup> A. F., ‘Livros do dia/‘Macunaíma’, de Mário de Andrade’, in *A Manhã*, Rio de Janeiro, 1<sup>a</sup>/dez./1944.

transcrição cênica de Jacques Thieriot, do Grupo Pau Brasil e de Antunes Filho alcançou um sucesso magnífico. Embora com repercussão discreta, as artes plásticas também contribuíram para a divulgação da rapsódia, com valiosas ilustrações de Pedro Nava, Tarsila do Amaral, Cícero Dias, Carybé, Arlindo Daibert e Rita Loureiro. As peripécias do imperador do mato-virgem inspiraram até mesmo história para revista em quadrinhos e adaptação para a literatura infantil. *Macunaíma* conquistou um sem-número de novos leitores por meio dessas manifestações artísticas derivadas.

O fato decisivo, porém, para a incorporação estável de *Macunaíma* ao repertório cultural brasileiro e a conquista de um contingente enorme de leitores, foi a inclusão sistemática da obra em exames para ingresso em universidades, prática disseminada pelo país desde, ao menos, a década de 1980. De lá para cá e cada vez mais intensamente, incontáveis vestibulandos e colegiais têm lido *Macunaíma*, cujas edições se sucedem, algumas em tiragens populares, vendidas em bancas de jornais a preço módico. A rapsódia de Mário de Andrade tornou-se um fenômeno editorial e, atualmente, uma consulta rápida da palavra “Macunaíma” na Internet registra mais de 50.000 resultados em *sites* do país. Sob o critério numérico da população do Brasil comparada ao seu leitorado, não se pode dizer que a obra se tornou verdadeiramente popular, mas atravessa há décadas uma *tsunami* de popularização e a sua irradiação no imaginário nacional é irreversível.

Quanto à recepção crítica, não é de hoje, *Macunaíma* é obra reconhecida como um dos pontos mais altos da prosa de ficção brasileira. O enorme prestígio atual da rapsódia, porém, é marcado por uma trajetória acidentada, que pode ser dividida em duas fases.

O primeiro período se estende de 1928, ano da primeira edição da rapsódia, até 1954, ano anterior à publicação do *Roteiro de Macunaíma*, de M. Cavalcanti Proença (2), marco inicial da fase seguinte. Nesses 26 anos, que compreendem as três edições publicadas em vida do autor (1928, 1937 e

1944), prevalece a crítica periodista, mas nem sempre de caráter marcadamente jornalístico, uma vez que muitos trabalhos propendem ao ensaísmo, sendo que alguns são ensaios propriamente.

A primeira recepção pública deu-se no *Diário Nacional*, na edição de 7 de agosto de 1928. Trata-se de uma resenha curta, mas densa, que sintetiza aspectos decisivos para a compreensão da obra. O resenhista identifica o aproveitamento de material mítico amazônico na composição do enredo e na criação de personagens; observa, também, a mistura desse material com “outras lendas brasileiras [...], manifestações de costumes, superstições, provérbios, modismos vocabulares, frases feitas e cacoetes brasileiros” (3).

Além de apresentar uma visão geral do enredo, tão sumária quanto aguda, o articulista informa que o romance “satiriza certos defeitos do brasileiro” e que é “uma sátira um pouco crua para poder cair nas mãos de qualquer pessoa”. Há, ainda, uma ligeira referência ao narrador complexo de *Macunaíma*, uma vez que, diz o articulista, a narrativa é veiculada por um “autor”, que a aprendera de um papagaio, que, por sua vez, a ouvira do próprio protagonista, o “herói sem nenhum caráter”.

Numa demonstração de notável segurança crítica perante algo tão inusitado, que tanto se aproveitara do repertório mítico e folclórico do Brasil, a resenha termina por avaliar *Macunaíma* como “uma das obras mais originais da nossa literatura”. Não há identificação de autoria dessa primeiríssima recepção a *Macunaíma*. Silviano Santiago (4) supõe que ela seria do próprio Mário de Andrade.

O segundo pronunciamento sobre a obra coube a Alceu Amoroso Lima, em longo artigo assinado com o pseudônimo Tristão de Ataíde (5). Mário de Andrade confiara ao crítico dois prefácios que escrevera para a sua obra, mas que decidira manter inéditos (6). Com esse material em mãos, Tristão de Ataíde pôde destacar com precisão questões como o “senso de nacionalismo orgânico e social”, o processo de “desregionalização”, a invenção lingüística, certas

2 M. Cavalcanti Proença, *Roteiro de Macunaíma*, 1ª ed., São Paulo, Anhembi, 1955. Reeditado em 1969, 1974, 1977 e 1978, a partir da 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

3 “Macunaíma. O Livro de Mário de Andrade”, in *Diário Nacional*, São Paulo, 7/ago./1928.

4 Silviano Santiago, “A Trajetória de um Livro”, in Mário de Andrade, *Macunaíma, o Herói sem Nenhum Caráter*, edição crítica coordenada por Telê Porto Ancona Lopez, 2ª ed., 1ª reimp. Madrid/São Paulo, ALLCA XX/Scipione, 1997, pp. 182-93. Colección Archivos, 6 (1ª ed., 1988). Esse ensaio foi reunido em Silviano Santiago, *Nas Malhas da Letra*, São Paulo, Cia. das Letras, pp. 124-39, 2ª ed., Rio de Janeiro, Rocco, 2002, pp. 145-63, com o título mudado para “História de um Livro”.

5 Tristão de Ataíde [Alceu Amoroso Lima], “Macunaíma”, in *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9/set./1928, p. 4.

6 Os dois prefácios foram publicados em: Marta Rossetti Batista, Telê Porto Ancona Lopez e Yone Soares Lima, *Brasil: 7ª Tempo Modernista - 1917/29*, São Paulo, IEB-USP, 1972, pp. 289-95.



relações entre arte erudita e arte popular, o “instintivismo, tão adaptado à mentalidade e às inclinações de nossos dias”, além de traços problemáticos do gênero, do herói e da dimensão simbólica de *Macunaíma*, em conexão com a busca de uma suposta “entidade nacional dos brasileiros” (7).

Tristão de Ataíde fez também restrições ao livro, como ao seu tamanho, tido como “longo demais”, além de “cacete muitas vezes, como na imensa carta, em estilo médico-purista, que o nosso herói escreve às suas súditas do Uraricoera”. De acordo com seu catolicismo militante, o crítico viu no livro “uma pornografia muitas vezes dispensável” e, no “herói sem nenhum caráter”, um “modelo do que devemos combater em nós”.

O texto de Tristão tornou-se famoso, entre outros motivos, por inaugurar uma polêmica que ainda hoje produz eventuais atritos na crítica. Trata-se das relações entre *Macunaíma* e o movimento da antropofagia, desencadeado por Oswald de Andrade. Tristão, valendo-se de uma carta de Mário de Andrade dirigida a ele, dissociou a rapsódia do movimento liderado por Oswald. É importante lembrar que a *Revis-*

*ta de Antropofagia* reproduziu em seu segundo número parte do primeiro capítulo da narrativa, que, então, ainda estava no prelo, com o título de “Entrada de Macunaíma”. Oswald de Andrade aceitou a provocação de Tristão e reivindicou *Macunaíma* para a antropofagia.

Polêmica à parte, Oswald destacou pontos fundamentais para o conhecimento crítico da obra de Mário, como a aproximação com a *Odisséia*, que convida a uma reflexão sobre o gênero e pressupõe um diálogo com a alta tradição épica e mítica da narrativa ocidental. Ao discernir a invenção do “herói cíclico e por cinquenta anos [d]o idioma poético nacional” (8), Oswald tocou em pontos que exigem atenção especial, como a questão da (in)definição de um caráter nacional brasileiro, supostamente firmado no princípio da “posse contra a propriedade” (9).

O polígrafo João Ribeiro, respeitado acadêmico da velha geração e folclorista notável, foi contundente ao considerar *Macunaíma* uma asneira: “Mário de Andrade é capaz de uma asneira, mas sempre uma asneira respeitável. E, nesse caso, uma asneira de talento” (10). O elogio é

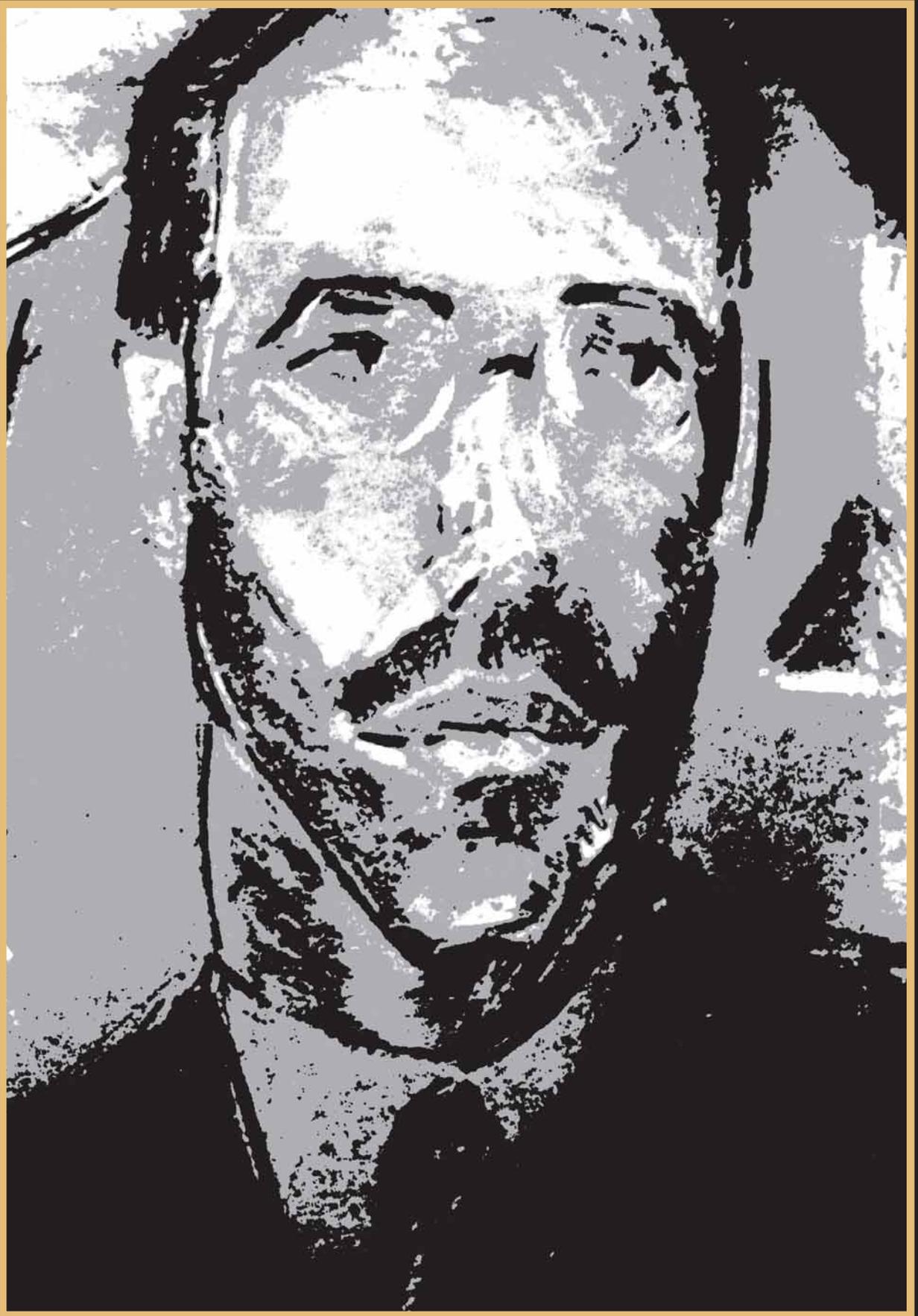
## Batizado de Macunaíma, de Tarsila do Amaral

7 Primeiro prefácio, op. cit., p. 289.

8 Oswald de Andrade, “Esquema ao Tristão de Ataíde”, in *Revista de Antropofagia*, São Paulo, a. I, nº 5, set./1928, p. 3.

9 Idem, *ibidem*.

10 João Ribeiro, “Crônica Literária/*Macunaíma* – Herói sem Nenhum Caráter – por Mário de Andrade”, in *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 31/out./1928, p. 10. Reunido em João Ribeiro, *Os Modernos*, Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952, pp. 8184.



corroído pelo sarcasmo: “Se *Macunaíma* fosse um livro de estréia, o autor nos causaria pena como a de um próximo hóspede de manicômio”. Não obstante o juízo negativo, o artigo de João Ribeiro suscita grande interesse por aquilo que soube constatar, sem saber compreender: a originalidade de Mário perante o material de que se valeu; o caráter composto do herói, que estaria mais próximo de Malasartes, tido como epigonia ibero-cabocla de Ulisses, do que da “figura do Macunaíma da lenda amazônica”; a estrutura fragmentária e contraditória das personagens e da narrativa; a subversão espaço-temporal por meio da assumida imitação da perspectiva mágica, própria do mito; enfim, a função do humor. João Ribeiro hesita na classificação do gênero – “romance (se acaso é romance)” – e nega unidade à obra, por suposta falha do artista: “É um livro voluntariamente bárbaro, primevo, espécie de fragmentos desconexos que escaparam e foram reunidos por um comentador reduzido à inépcia de qualquer coordenação”.

Outro crítico veterano, de muito prestígio, que se interessou por *Macunaíma* logo no primeiro momento foi Nestor Vitor (11). Após discutir a legitimidade do indianismo na literatura brasileira, o crítico atribui a *Macunaíma* o caráter de obra fundadora de “um neo-indianismo derrotista”, que ele considerou lamentável na medida em que “o índio, visto com tão furioso freudismo, torna-se símbolo antecipado da nossa segura bancarrota como povo no correr dos séculos”. Nestor Vitor viu em *Macunaíma* o exemplo patente de um “movimento literário dionisíaco de arremedo”, impregnado de dadaísmo e da “ciência de Freud”, a ponto de fazer do processo onírico, em que as dimensões e os limites naturais dão lugar às possibilidades do maravilhoso, o princípio estrutural da narrativa. Nestor Vitor entendeu que esse processo, “próprio à criança e ao homem primitivo”, como ensinava a etnologia positivista, seria “um modo de pensamento regressivo” levado ao último grau por Mário de Andrade. O texto de Nestor Vitor é outro exemplo de crítica adversa, embora respeitosa (ao contrário de João

Ribeiro), riquíssima em sugestões críticas. Foi ele, por exemplo, o primeiro a associar *Macunaíma* à tradição literária que inclui os “contos orientais, as lendas da Idade Média, *Gargantua e Pantagruel*, de Rabelais, *Peer Gynt*, de Ibsen [...]”

Silviano Santiago (12) tem como modesta a repercussão de *Macunaíma* na década de 1920. No entanto, se considerarmos que, para *Macunaíma*, essa década tem somente dois anos e meio, e que nesse período a obra mereceu, no mínimo, vinte e dois pronunciamentos de críticos importantes, distribuídos em publicações de cinco estados, talvez a repercussão não tenha sido tão modesta assim.

De 1931 a 1954, a crítica retomou pontos levantados pelas considerações pioneiras, examinando-os, discordando ou concordando com eles, acrescentando-lhes novos matizes e propondo, às vezes, novos atalhos de leitura. Tal produção agregou autores da importância de Luís da Câmara Cascudo, Ronald de Carvalho, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Brito Broca, Nelson Werneck Sodré, Rubem Braga, Roger Bastide e Florestan Fernandes. Este último merece menção especial por seu estudo “Mário de Andrade e o Folclore Brasileiro” (13). Embora de interesse mais amplo, pois discute a posição de Mário de Andrade no âmbito dos estudos folclóricos no Brasil e compreende o conjunto de sua produção intelectual e artística, esse ensaio inaugura uma postura crítica mais rigorosa no exame das relações entre cultura popular e cultura erudita, decisivas para a compreensão da obra de Mário de Andrade, especialmente de *Macunaíma*. Essa leitura mais minuciosa e exigente de Florestan Fernandes prenuncia a segunda fase da fortuna crítica da rapsódia, inaugurada pela publicação do primeiro livro dedicado inteiramente ao seu estudo, o *Roteiro de Macunaíma*, de M. Cavalcanti Proença. Aliás, trata-se, porventura, do primeiro livro inteiramente dedicado à investigação de uma obra modernista (14).

A obra de Cavalcanti Proença é ponto de chegada da primeira fase da história da fortuna crítica de *Macunaíma* e ponto de

11 Nestor Vitor, “Macunaíma, o Herói sem Nenhum Caráter”, in *O Globo*, Rio de Janeiro, 8/out./1928. Reunido em Nestor Vitor, “Os de Hoje/Mário de Andrade/*Macunaíma*”, in *Obra Crítica de Nestor Vitor*, Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973, v. II, pp. 360-5 (1ª ed. 1938).

12 Op. cit.

13 Florestan Fernandes, “Mário de Andrade e o Folclore Brasileiro”, in *Revista Arquivo Municipal*, São Paulo, ano XII, nº 106, jan.-fev./1946, pp. 135-58. Reproduzido em: *Revista Arquivo Municipal*, São Paulo, nº 198, 1990, pp. 135-58. Edição fac-similar do nº 106, 1946, da mesma revista.

14 Devo essa observação a Telê Porto Ancona Lopez.

- 15 Telê Porto Ancona Lopez, "A Margem e o Texto: Contribuição para o Estudo de *Macunaíma*", in *Boletim Bibliográfico Biblioteca Municipal "Mário de Andrade"*, São Paulo, nº especial, fev./1970, pp. 9-81. Depois, publicado em *Macunaíma: a Margem e o Texto*, São Paulo, Secretaria Cultura, Esporte e Turismo/Hucitec, 1974.
- 16 Mário de Andrade, *Macunaíma*, edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez, Rio de Janeiro/São Paulo, Livros Técnicos e Científicos/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.
- 17 Op. cit.
- 18 Haroldo de Campos, *Morfologia do Macunaíma*, São Paulo, Perspectiva, 1973.
- 19 Mário Chamie, *Intertexto: Escrita Rapsódica – Ensaio de Leitura Produtora*, São Paulo, Práxis, 1970.
- 20 Maria Susana Camargo, *Macunaíma – Ruptura e Tradição*, São Paulo, Massao Ohno/João Farkas, 1977.
- 21 Gilda de Mello e Souza, *O Tupi e o Alaúde: uma interpretação de Macunaíma*, São Paulo, Duas Cidades, 1979.
- 22 Eneida Maria de Souza, *A Pedra Mágica do Discurso*, 2ª ed. revista e ampliada, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1999.
- 23 Raúl Antelo, *Na Ilha de Marapatá*, São Paulo/Brasília, Hucitec/MINC/Pró-Memória/INL, 1986.
- 24 Mario M. González, "Macunaíma", in *A Saga do Anti-herói*, São Paulo, Nova Alexandria/Embaixada de Espanha, 1994, pp. 297-314.
- 25 Mário Andrade e Manuel Bandeira, *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*, organização, introdução e notas Marcos Antonio de Moraes. 1ª ed., São Paulo, Edusp/IEB, 2000 (2ª ed., 2001).
- 26 Lélia Coelho Frota (org.), *Carlos e Mário: Correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – Inédita – e Mário de Andrade*, apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silvano Santiago, Rio de Janeiro, Bem-Te-Vi, 2002.
- 27 Mário de Andrade, *O Turista Aprendiz*, estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez, 1ª ed., São Paulo, Duas Cidades/Secretaria Ciência, Cultura e Tecnologia, 1976 (2ª ed., 1983).
- 28 Darcy Ribeiro, "Liminar/Macunaíma", in Mário de Andrade, *Macunaíma*, edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez (coord.), op. cit., p. XVIII.

partida da segunda. O *Roteiro* sintetiza as especulações centrais da fase periodista e realiza a primeira exegese sistemática da rapsódia, abrangendo campos variados como a filologia, a estilística, a hermenêutica, a crítica e a história literária.

A obra admirável de Cavalcanti Proença, por um tempo, pareceu esgotar a matéria. Até a sua segunda edição, em 1969, o assunto *Macunaíma* continuou a frequentar páginas de periódicos, mas com frequência escassa.

De 1970 em diante, acentua-se o processo de enriquecimento da fortuna crítica de *Macunaíma*, com farta produção universitária, teoricamente fundamentada e desenvolvida com rigor metodológico. Talvez, por sua especificidade acadêmica, no sentido de trabalho científico, essa produção devesse ser considerada como uma terceira fase da recepção crítica de *Macunaíma*. Pelos avanços que trouxeram, algumas obras desse período tornaram-se referências obrigatórias a quem deseje compreender a obra-prima de Mário de Andrade e o seu alcance.

Telê Porto Ancona Lopez, com *Macunaíma: a Margem e o Texto* (15), inaugurou a sua "contribuição para o estudo de *Macunaíma*", que se estenderia a toda a obra de Mário de Andrade, de tal modo que seu nome e o dele estão para sempre conjugados. Deve-se à pesquisadora a continuidade, o alargamento e o aprofundamento do trabalho de M. Cavalcanti Proença. *A Margem e o Texto* rastreou minuciosamente o percurso criativo da rapsódia, preparando o terreno para a edição crítica da mesma, cuja primeira versão foi publicada em 1978 (16). Dez anos depois, essa foi aprimorada na exemplar publicação da Coleção Archivos (17), que alia a perspectiva de edição crítica à de edição genética e conta com a colaboração de vários estudiosos que se pronunciaram de modo relevante sobre a obra-prima de Mário de Andrade.

Recuando um pouco no tempo, é necessário consignar que *Morfologia do Macunaíma* (18), de Haroldo de Campos, e *Intertexto* (19), de Mário Chamie, trouxeram novas luzes. O primeiro aplicou o mé-

tudo do módulo fabular, colhido nos estudos de Vladimir Propp, para um trabalho de análise estrutural da narrativa; o segundo, apoiado na lingüística, procurou apreender as matrizes estruturais da rapsódia, vinculadas à noção de "sátira menipéia", além de introduzir noções críticas de Bakhtin como as de "dialogismo" e "polifonia", caminho desenvolvido mais tarde por Susana Camargo (20). Gilda de Mello e Souza, com *O Tupi e o Alaúde* (21), polemizou com Haroldo de Campos e propôs uma instigante leitura interpretativa de *Macunaíma*, aproximando-a à novela de cavalaria medieval, sobretudo à *Demanda do Santo Graal* e ao modelo compositivo criador da música popular de nossos cantadores.

Eneida Maria de Sousa empreendeu uma análise semiológica preocupada com a "prática discursiva, entendida enquanto articulação entre sujeito e linguagem" (22), aproximando-se de formulações de Bakhtin sem descartar a abordagem estrutural, cuja raiz está em Lévi-Strauss. Relações entre *Macunaíma* e o universo latino-americano foram estudadas por Raúl Antelo (23); Mario M. González (24) examinou vínculos possíveis entre a rapsódia de Mário de Andrade e a narrativa picaresca espanhola.

Muitos outros estudos foram apresentados em dissertações de mestrado e em teses, novos ensaios são divulgados em livros ou revistas especializadas, novas pesquisas são empreendidas, outros preciosos subsídios à matéria surgem nas publicações da correspondência de Mário de Andrade, como os trabalhos modelares de Marcos Antonio de Moraes (25) e de Lélia Coelho Frota (26), ou com a publicação de inéditos como *O Turista Aprendiz* (27), por Telê Porto Ancona Lopez. E não mencionamos estudos que se acumulam lentamente no exterior, interessados no "herói de nossa gente". Tudo indica que a fortuna crítica de *Macunaíma*, já bem consistente, tende a multiplicar-se mais ainda, pois a rapsódia do "herói sem nenhum caráter" continua a repor o seu enigma a cada releitura. Apesar de tantos esforços críticos reveladores, como disse Darcy Ribeiro, "*Macunaíma* permanece um mistério" (28).